



DECRETO N.º 5245, DE 7 DE OUTUBRO DE 1977

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas a seguir descritas, localizadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO" a Rua 1, continuação da rua do mesmo nome do Jardim Garcia — 1.ª gleba, com início na divisa com a Vila Castelo Branco e término na Rua 2 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CORRUIRA" a Rua 2, com início na Rua 1 e término na Rua 3 do mesmo loteamento;

"RUA TRANSAMAZONICA" a Rua 3, continuação da rua do mesmo nome, com início na Rua Transamazônica e término na divisa Norte do mesmo loteamento;

"RUA CURIANGO" a Rua 4, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;

"RUA CURIÓ" a Rua 5, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;

"RUA FLAMINGO" a Rua 6, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;

"RUA GAIVOTA" a Rua 7, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;

"RUA GATURAMO" a Rua 8, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;

"RUA GRALHA" a Rua 9, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;

"RUA CASTELNUOVO" a Rua 10, continuação da rua do mesmo nome da Vila Castelo Branco, com início na Rua Castelnuovo e término na Rua 3 do mesmo loteamento;

"RUA GUAINUMBI" a Rua 11, com início na Rua 10 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA INJIAMBU" a Rua 12, com início na Rua 20 e término na divisa do Jardim Londres;

"RUA IRERÉ" a Rua 13, com início na Rua 12 e término na Rua 16 do mesmo loteamento;

"RUA JACAIMIM" a Rua 14, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;

"RUA JURITI" a Rua 15, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;

"RUA JANDAIA" a Rua 16, com início na Rua 11 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA MACUCO" a Rua 17, com início na Rua 16 e término na Rua 20 do mesmo loteamento;

"RUA MARTIM PESCADOR" a Rua 18, com início na Rua 22 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;

"RUA MARACANÁ" a Rua 19, com início na Rua 12 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;

"RUA PERIQUITO" aquela formada pelas Ruas 20 e 24, com início na Rua 12 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA PAPAGAIO" a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 22 do mesmo loteamento;

"RUA PINTASSILGO" a Rua 22, com início na Rua 21 e término na divisa com o Jardim Londres;

"RUA PELICANO" a Rua 23, com início na Rua 33 do Jardim Londres e término na Rua 3 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA PINGUIM" a Rua 25, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA PARDAL" a Rua 26, com início na divisa com o Jardim Londres e término na divisa Norte da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA PATURI" a Rua 27, com início na Rua 25 e término na Rua 30 do mesmo loteamento;

"RUA KOLINHA" a Rua 28, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SARACURA" a Rua 29, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SERIEMA" a Rua 30, com início na Rua 31 e término na Rua 6 do mesmo loteamento;

"RUA SOCO" a Rua 31, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;

"RUA SAIRA" a Rua 32, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA SABIA" a Rua 33, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA TUCANO" a Rua 34, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;

"RUA TUM" a Rua 35, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA TANGARA" a Rua 36, com início na Rua 33 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA URAPURU" a Rua 37, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA JACUTINGA" a Rua 38, com início na Rua 37 e término na Rua 41 do mesmo loteamento;

"RUA JAÓ" a Rua 39, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA SANHAÇO" a Rua 40, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA AVINHADO" a Rua 41, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA FAISÃO" a Rua 42, com início na Rua 31 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;

"RUA EMA" a Rua 44, com início na Rua 23 e término na Rua 51 do mesmo loteamento;

"RUA CALHANDA" a Rua 45, com início na Rua 37 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;

"RUA JACUI" a Rua 46, com início na Rua 45 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;

"RUA AÇOR" a Rua 47, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA MERGULHÃO" a Rua 48, com início na Rua 34 e término na Rua 49 do mesmo loteamento;

"RUA TENTILHÃO" a Rua 50, com início na Rua 49 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;

"RUA CORMORÃO" aquela formada pelas Ruas 51, 52 e 53, com início na Rua 44 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA CANINDÉ" a Rua 54, com início na Rua 3 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. RALPH TORTIMA STETTINGER
Secretário dos Negócios Jurídicos
Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica — com os elementos constantes do protocolado n.º 8.957, de 15 de abril de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito em 7 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
Chefe do Gabinete do Prefeito

Decreto nº 5245 de 07-outubro-1977



A marreca irerê

Em face de sua distribuição por dois continentes, os cientistas ainda não sabem qual a origem real da ave. Teria sido levada da América para a África, ou teria feito o trajeto em sentido inverso?

Luiz Gonzaga E. Lordello

Um dos quebra-cabeças dos ornitologistas está na distribuição geográfica da marreca irerê, uma graciosa ave que ocorre em dois continentes: América e África. Na América, observa-se sua presença nas Guianas, Venezuela, Peru, Colômbia, Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina, Costa Rica e Panamá. É provável que exista em outros países americanos, faltando, porém, referências a respeito. Na África, sabe-se que nidifica a partir do sul do Saara até Angola e Transvaal, havendo ainda notícias de sua presença em Madagascar e Ilhas Comoro.

Em face de sua distribuição por dois continentes, os cientistas não sabem qual a real origem da ave. Teria sido levada da América à África ou teria feito o trajeto inverso? Há quem afirme ter a marreca sido introduzida no Brasil pelos escravos africanos. Mas poderiam os infelizes cativos trazer consigo uma ave? Eis aí uma pergunta para a qual não existe resposta precisa. Naturalmente, há a possibilidade de os exemplares terem vindo em navios de qualquer tipo.

Os mesmos problemas existem com relação à marreca-peba, congênera da irerê, pois também ocorre fora das Américas, tendo sido encontrada na África, Índia e Ceilão.

A curiosa distribuição das duas aves pode também ser mera consequência de sua alta capacidade migra-

tória. As excursões migratórias dos anatídeos em apreço dão-se com frequência sob a luz das estrelas, protegidas, pois, pelo manto da noite. A passagem do cortejo é denunciada pelos contínuos assobios, dos quais talvez tenha o povo deduzido o nome "irerê". Os ornitólogos chamam as marrecas do gênero *Dendrocygna* de "gansos assobiadores", incluindo a irerê, a marreca-peba ou cancleira e a marreca cabocla ou asa-branca. Aliás, a irerê é conhecida também como "marreca piadeira".

Em Piracicaba, onde a irerê é muito conhecida graças aos exemplares mantidos no Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", o povo a chama de "paturi", nome que, alhures, é reservado para aves distintas, se bem que filiadas à mesma família Anatidas. O fato confirma a extrema variação (e confusão) dos nomes vulgares dos animais, o que mostra a importância dos nomes que lhes são atribuídos pelos cientistas, em latim, os quais evitam qualquer entendimento confuso ou errôneo.

A irerê figura entre os Anatídeos sul-americanos candidatos à domesticação. Tendo os principais predicados que os cientistas exigem para que um animal possa um dia ingressar no rol dos domésticos, é de esperar que isso venha a acontecer. A sua função, porém, será apenas afetiva, eis que será para o proprietário um simples fator de

distração e embelezamento de parques e jardins. Trata-se de ave muito bela e de alegre presença nas propriedades rurais.

Na natureza, a irerê nutre-se de frutos pequenos, insetos, vermes etc. Em cativeiro, aceita as rações normalmente dadas a patos e marrecos, e milho na forma de quirera. Não existe qualquer acusação séria à espécie como nociva à agricultura. Outros membros da sua ordem são, por vezes, referidos como prejudiciais e, por isso, perseguidos. Aliás, os interessados em destruir a fauna perseguem qualquer anatídeo, movidos pelo desejo de obter a carne, magra e de péssima qualidade.

A irerê constitui um ornamento, indicada para povoar parques e outras áreas onde exista ao menos uma coleção de água. Aí, com facilidade, ela se reproduz, desde que existam ambientes favoráveis, com moitas nas quais os casais possam nidificar.

Antigos observadores acreditavam que a irerê nidificava em árvores, o que não seria grande novidade entre anatídeos. Diversos observadores mais recentes, porém, verificaram a nidificação no solo, protegidos os ninhos pela vegetação rasteira.

O País conta numerosos amadores interessados em reproduzir aves em condições de cativeiro. Mas raramente as preciosas infor-

mações que possuem constituem assunto de publicação, permanecendo geralmente ignoradas e, com isso, inaproveitadas pela Ciência.

Entre os Anatídeos, verifica-se curiosa tendência para o hibridismo. Com relativa facilidade, espécies afins se cruzam, do que resultam híbridos estéreis ou férteis. Em nenhum outro grupo de aves ocorre tal propensão, sendo os híbridos relativamente raros. Sabe-se, por exemplo, que a irerê cruza com certa facilidade com a marreca cabocla. Esta, aliás, lhe é muito afim, filiando-se ambas ao gênero *Dendrocygna*.

Os cientistas consideram essas marrecas pequenos gansos, tendo em vista os tarsos relativamente altos. À maneira dos gansos, estão sempre prontas a emitir os sons peculiares quando algo lhes causa estranheza. A aproximação de pessoa estranha, por exemplo, constitui motivo para darem o característico alarm. Isso não deixa de ser qualidade vantajosa.

A permanência desse, como de outros anatídeos, na face da terra, está na dependência da boa vontade de proprietários esclarecidos, que decidam dar-lhes proteção dentro dos limites de suas glebas, deixando-os, assim, a salvo dos seus numerosos inimigos, inclusive o homem.

(Extraído do Suplemento Agrícola de "O Estado de S. Paulo"
nº 1017 de 24-novembro-1974)

RUA IRERÊ



Com os irerês, agora chegou o inverno

Eles vêm de Minas, Goiás e até do Rio Grande do Sul, voando à noite, tentando escapar dos caçadores. Durante o dia param para descansar e se alimentar, reiniciando a viagem assim que escurece. E, numa manhã, pousam em bandos e exaustos no lago do Jardim Zoológico, para procriar. São mais de dois mil irerês que chegam, anunciando o fim do outono.

Com as marrecas chegam também o inverno, que oficialmente começa hoje, às 8h45, no Hemisfério Sul, e os problemas, principalmente na agricultura, que sobem à medida que a temperatura desce. Se será rigoroso, ninguém sabe, nem mesmo os meteorologistas: "Não é possível estabelecer com antecedência a intensidade de todo o inverno". As previsões são feitas a partir do momento em que as massas de ar polar atingem as ilhas Malvinas, iniciando seu deslocamento pelo sul da Argentina, rumo ao Norte.

A onda de frio dos últimos dias do outono não serve de base para se avaliar o rigor do próximo inverno, mas as temperaturas baixas registradas nos últimos dias trouxeram otimismo aos comerciantes de roupas, e muita preocupação aos agricultores. Provavelmente, eles confiam nas previsões dos cientistas, segundo os quais os invernos serão cada vez mais frios, já que as

temperaturas mínimas da Terra vêm caindo sensivelmente desde 1950.

Enquanto isso, os cisnes, patos e marrecos continuam a nadar no lago do Zoo e a dormir ao relento. Os ursos que vieram de regiões geladas do Norte da Europa, Alaska e Himalaia também estão satisfeitos, mergulhando no tanque de água para apanhar o peixe atirado pelo tratador ou deitando-se tranquilamente no cimento frio. Nem tudo, porém, está tão calmo no Zoológico: se há animais que não se importam ou até preferem o frio, também existem os que necessitam de cuidados especiais para não ficar doentes.

Os pequenos macacos, como o Sagüí de Bigode, Macaco-da-Noite, Sagüí Santarém e os saúns Branco e Preto, animais da região Amazônica, por exemplo, são colocados num salão com aquecedores, já que são muito sensíveis às variações de temperatura. Os chimpanzés e gorilas que vieram da África e os orangotangos de Bornéu e Sumatra têm seus dormitórios aquecidos, além de receberem feno, com o qual fazem ninhos sobre suas camas de madeira chumbadas na parede.

O biólogo Ladislau Deutsch do Zoo explicou que essa operação é iniciada assim que a temperatura começa a cair, pois os animais correm o risco de pegarem resfriados, gripe e pneumonia. O

aquecimento dos animais pode ser feito eletricamente ou a gás, este último só utilizado em locais abertos. Também os viveiros das aves são aquecidos: para elas a temperatura ambiente é mantida entre 17 e 22 graus, a mesma para os macacos. Os répteis e os peixes-elétricos têm sua água aquecida à temperatura média de 27 graus.

No inverno, os animais, como os seres humanos, se alimentam mais, aumentando o consumo numa média de 15%. Ladislau Deutsch explicou que a temperatura de seus corpos é constante e, quando o ambiente esfria, eles se alimentam mais para compensar a perda de calor. Nessa estação, também ocorre um fenômeno que causa muito trabalho aos funcionários do Zoo: a queda de temperatura e a falta de movimento das águas provocam a morte de milhares e milhares de algas que infestam o lago. Isso forma uma crosta no nível da água, provocando a desoxigenação do lago e a conseqüente morte dos peixes. Assim, para se evitar uma mortandade, diariamente os funcionários são obrigados a limpar o lago.

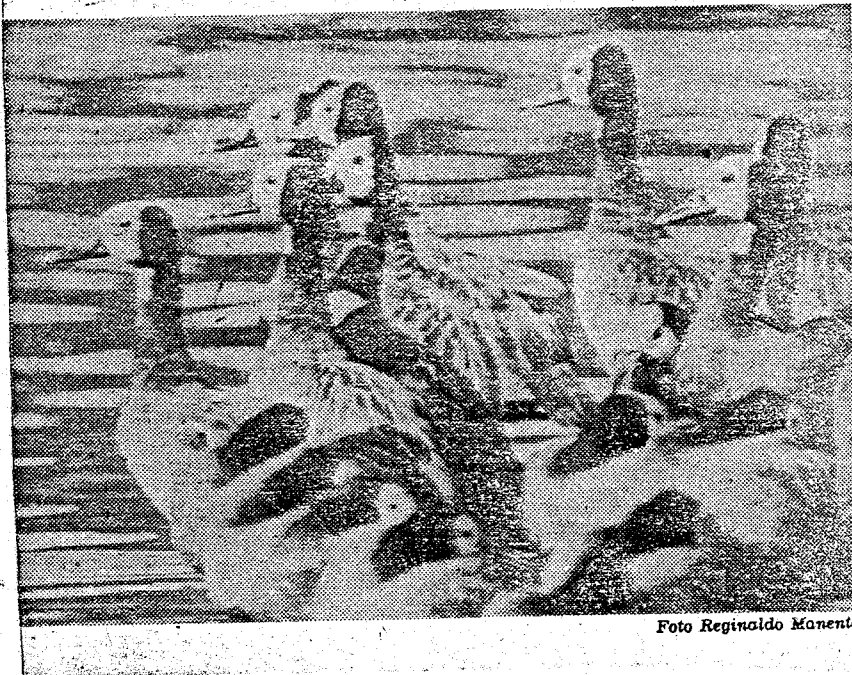
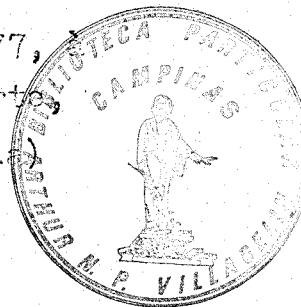


Foto Reginaldo Manente

(Denominação dada pelo Decreto 5245 de 07.10.1977,
Rua 13 da Vila Padre Manoel de Nobrega, 2a. Parte,
com início à Rua Inhambu e término à Rua Jandaia.)



IRERÊ — (*Dendrocygna viduata*) — Vertebrados — Classe: Aves — Ordem: Anseriformes. Espécie de marreca bastante ornamental. Nos indivíduos adultos de ambos os sexos, o colorido da cabeça é branco na metade anterior e negro na posterior. A base do pescoço é envolvida por uma écharpe de cor castanha como o médio dorso e as coberteiras superiores pequenas das asas; o baixo dorso, as rémiges, a cauda, o meio do peito, o abdome e as coberteiras inferiores da cauda são negras; os flancos, listrados transversalmente de preto e branco; a garganta branca; o bico e os pés pretos. Comum aos dois Hemisférios, ocorre em quase toda a África tropical, América meridional cisandina, Sul da América Central, Grandes Antilhas, Colômbia, Venezuela, Guianas ex-Inglêsa e Holandesa, Peru, Bolívia, Uruguai, norte da Argentina e Brasil, seguramente em todos os Estados. Conhecida também como marreca-viúva, marreca-piadeira.

